

DIDÁTICA DE ENSINO NO SÉCULO 21

TEACHING DIDACTICS IN THE 21ST CENTURY

Ulrich Ramer¹

RESUMO: Nosso mundo mudou drasticamente apenas nos últimos 50 anos e produziu muitas mudanças socioculturais, de acordo com a percepção que já os antigos romanos verbalizavam: *tempora mutantur et nos mutamur em illis*. Isso significa, transferido para a nossa realidade de salas de aula contemporâneas, que também a didática deve ser sempre repensada. Mesmo a metodologia, assim como nós transmitimos conhecimentos e competências aos alunos, deve ser sempre redefinida e submetida a mudanças necessárias e otimizações para poder garantir para nossos alunos o melhor benefício possível num mundo globalizado.

Palavras-chave: Mudanças socioculturais. Mudanças nos princípios didáticos. Variação da metodologia. Aprendizagem otimizada. Mundo globalizado.

ABSTRACT: Our world has changed dramatically just in the last 50 years and produced many socio-cultural changes, according to a cognition that the ancient Romans had already put into words: "*tem-pora mutantur et nos mutamur em illis*". This means, transferred to our contemporary classroom reality that also didactics must always be thought over again. Even methodology, just as we convey knowledge and skills to the students, must be constantly redefined and submitted to necessary changes and optimization in order to ensure the best possible improvement and progress for our students in a globalized world.

Keywords: Socio-cultural changes. Mutations in didactic principles. Method variations. Learning optimization. Globalized world.

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Paulo Freire (1996)

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Quando Pink Floyd lançou, há 36 anos, esta mensagem provocativa:

We don't need no education.

We don't need no thought control.

No dark sarcasm in the classroom.

Teacher, leave those kids alone.

Hey, teacher, leave those kids alone!

a banda queria mostrar musicalmente que fenômenos da educação autoritária e unidimensional tinham de ser travados e que o ambiente estava maduro para uma nova pedagogia escolar.

Durante minha época como diretor da mais antiga escola alemã no exterior, aquela necessidade de mudança não foi vista pelos representantes da diretoria da escola e várias vezes precisei ouvir a frase: "Durante os nossos dias de escola, as turmas tinham entre 40 e 50 alunos, e isso não nos prejudicou".

Embora esses tipos de escolas sejam empresas privadas e, obviamente, também devam prestar atenção à prosperidade econômica da "firma" e as despesas de pessoal possam ser reduzidas com turmas grandes, aquela frase tem duas afirmações completamente falsas: em primeiro lugar, não é uma questão de que na educação algu-

¹ Doutorado em Filosofia pela Universidade de Erlangen na Alemanha. E-mail: schreib@ulrich-ramer.eu

ma coisa prejudica ou não. Não existe prejuízo em educação. Em segundo lugar, e como exemplo, a diretoria da escola já não vai para a cidade com uma charrete, mas com um carro moderno, automático e da última geração.

O que quero dizer é que as condições socioculturais no processo diacrônico têm mudado tão rapidamente, que também na realidade da vida escolar atual tem que levar em conta esse fato necessário e inevitável. Ou seja, classes (muito) grandes são a morte de um método de ensino que deveria tomar em consideração as necessidades individuais dos educandos.

Além disso, ninguém descapacitado tem a legitimidade de se meter nos progressos de desenvolvimento da escola ou até mesmo de se opor, porque a única experiência escolar desses é que eles mesmos foram à escola... Qualquer pessoa que tenha dor de dentes vai, naturalmente, entregar-se a seu dentista e não lhe propor como esse deve tratá-lo. Todos aqueles que pretendem se intrometer no desenvolvimento progressivo da escola precisam deixar esse campo para novos pesquisadores mais aptos.

2 O PRÓXIMO PASSO

E aquela interpretação que Pink Floyd reconhecidamente tinha formulado de maneira extrema foi, portanto, madura, porque a sociedade que chegou ao final do século se tinha desenvolvido de forma incrivelmente rápida e os métodos e a didática de ensino também. Consequentemente, exigiram uma mudança de modelo escolar acelerado e fundamental. Mas daquele texto de Pink Floyd, no entanto, muita coisa está certa.

Embora não possamos dizer que não se precise de qualquer educação, do controle autoritário da mente e sarcasmo na sala de aula, nós realmente não precisamos. E a frase *leave the kids alone* (deixem as crianças sozinhas) é discutível, sem dúvida. Todavia, se nós compreendemos aquele pensamento de maneira que não devemos fornecer o conhecimento e a compreensão através do funil para a mente dos nossos alunos, mas que despertamos a curiosidade e deixamos os próprios alunos descobrirem os conteúdos e contextos autorresponsavelmente e assumirem seus próprios processos de aprendizagem, nesse sentido nós interpretamos Pink Floyd oportunamente. E essa deve ser a nossa intenção, tornando-se nossa meta diária.

3 ONTEM – HOJE – AMANHÃ

No entanto, estamos, na verdade, e à primeira vista, num dilema aparentemente insuperável: com uma formação de ontem temos que preparar hoje as crianças

e os jovens que nos foram entregues para o mundo de amanhã. Esse ato de equilíbrio não parece obter sucesso com a conclusão citada. Mas isso não é verdade... Também todos os demais profissionais de nível acadêmico não se podem dar ao luxo de estagnar. Isso seria até antiético e irresponsável. Um médico, por exemplo, um cirurgião, não pode dizer “eu fiz minha aprovação uma vez, e isso é suficiente até o fim de minha vida”. Pois a palavra de ordem é o aperfeiçoamento constante para evitar uma estagnação técnica. Para essa medida, os professores e toda a escola, como instituição, têm a obrigação moral de cuidar da coisa mais sagrada e esperançosa que existe no mundo, ou seja, as nossas (próprias) crianças.

4 SEMPRE CONTINUAMOS

Hoje existe uma abundância de recursos de aperfeiçoamento não só digitais, mas também analógico/físicos. Durante todo o meu tempo como diretor de colégio, eu propaguei aos colegas, por princípio, a prioridade do aperfeiçoamento, o que os professores aceitaram com prazer. Uma de minhas mais importantes demandas foi que eles me apresentassem uma proposta bem estruturada sobre como os alunos poderiam ser ocupados significativamente e construtivamente durante a ausência do professor. Isso levou os colegas a desafios muito criativos e também interessantes. É claro que sei com certeza que alguns dos meus colegas aceitaram a possibilidade do aperfeiçoamento, principalmente visando a novos objetivos, como, por exemplo, escapar da rotina escolar cotidiana por um dia ou mais para conhecer uma nova cidade, etc. Isso não é só perfeitamente legítimo, porque abre novos horizontes, mas tem, sobretudo, o efeito colateral positivo de ser capaz de oferecer uma frutuosa troca de ideias com outros participantes de cursos, outras instituições educacionais e seus respectivos dirigentes.

Os resultados dessa medida foram muito agradáveis, e uma crescente alegria profissional era claramente visível.

Aos professores foi exigida a comprovação de certo número de sessões de aperfeiçoamento por ano, que precisavam ser registradas na ficha pessoal do professor.

5 ESPORTE EM EQUIPE

Como um elemento indispensavelmente suplementar aos esforços pessoais deve figurar um processo interno da escola: em alemão chamamos isso de SCHILF (*Schulinterne Lehrerfortbildung*), o que significa

aperfeiçoamento dos professores dentro da própria escola. Um desenvolvimento escolar progressivo e bem-sucedido deve ser uma preocupação de todas as escolas que valorizam a qualidade, e para isso deve ser formada ou eleita uma equipe que será responsável pelo bem-estar da instituição, sendo que os diretores das escolas não precisam ser necessariamente integrados a ela.

Para que esse efeito SCHILF surta efeito, é evidente que exista uma infinidade de oportunidades que, listadas, ultrapassariam o espaço neste artigo. Não obstante, eu gostaria de abordar alguns exemplos que cito adiante.

6 OBTER MELHORAS

Um método muito bom é o chamado *Microteaching*. Três professores preparam juntos uma unidade de 45 minutos, que pode ser bem interdisciplinar, para um pequeno grupo de alunos (cerca de seis).

Isso já tem a vantagem de que três professores têm que trabalhar em conjunto, formular objetivos de aprendizagem comuns e definir o processo de ensino. A unidade é filmada por uma câmera discretamente colocada, e o resultado é depois mostrado aos colegas. Como a câmera, como se sabe, não pode mentir, os professores diagnosticam imediatamente como eles se comportaram em relação à linguagem corporal, técnicas de perguntar e *feedback* dos alunos, assim que os chamados “reforços negativos” por parte do avaliador são praticamente desnecessários e até podem ser verbalizados e avaliados pelo próprio professor.

7 UMA VISÃO DE MUNDO ARREDONDADA

Esse exemplo mostra a importância da cooperação entre os colegas e leva ao conceito-chave “ensino de projeto”. Já na minha época de aluno, sempre me incomodou que um tópico de uma aula fosse interrompido ou mesmo abandonado. Se, por exemplo, nas aulas de Literatura, num poema, foi tratado o tema “guerra”, de repente a campainha tocou, de modo que a “guerra” acabou e um monte de perguntas e problemas ficaram sem resposta. Para todos os envolvidos numa abordagem que se orientasse por um trabalho como projeto, seria muito mais útil e, acima de tudo, mais emocionante: o tema da “guerra” também se poderia tratar muito mais fácil com atuação cooperativa nas aulas de história, arte, educação religiosa, etc. Isso resultaria numa visão ampla do assunto e facilmente compreendida. Além disso, a cooperação com outros colegas permanecerá atuante.

8 ATIVO E PASSIVO

Acima tínhamos falado que no passado costumava haver turmas numerosas. A única maneira para transmitir o conteúdo de ensino (já vou explicar por que não uso o conceito conteúdo de aprendizagem) era o método de ensino frontal. Ou seja, todos os alunos estavam num papel puramente receptivo. O professor, na realidade, lecionava do púlpito, e os alunos anotavam a sabedoria apresentada, pois foram ensinados. O diálogo era um tanto impossível em razão do respeito devido ao ritmo de aprendizagem individual dos alunos. Mas faz muito tempo que as circunstâncias sociais mudaram. As estruturas democráticas de que os envolvidos muitas vezes estão sentindo falta neste país devem reencontrar-se também na escola. Os alunos devem fazer perguntas, manifestar contradições e definir os próprios problemas que os afetam. Isso não se pode conseguir com o mero ensino frontal já mencionado.

A imagem tradicional da escola, e infelizmente não superada, é, na realidade quotidiana, ainda predominantemente frontal e deixa os alunos em um papel puramente passivo. Ou seja, autoparticipação no processo de ensino e aprendizagem, uma pedagogia que incentiva e respeita o ritmo de aprendizagem autorresponsável, independente e individual, deve ser encontrada na prática escolar. Numa época em que o consumo será oferecido aos estudantes de forma digital e no *smartphone* deles, um ensino inativo, concentrado no professor e apenas receptivo, não mais se justifica. Pois quando os alunos nem na escola podem tomar as iniciativas, não é de estranhar que vão buscar válvulas que abrem oportunidades para agressões, individualismos antissociais e antiambientais ou até mesmo vandalismos.

Obviamente, é muito mais fácil para o professor desafiar seu conhecimento durante 45 minutos e, em seguida, desaparecer pela porta. Mas Cícero já havia feito a pergunta: *Cui bono?* (para quem isso é útil?). O foco deve passar do método centrado no professor para o ensino centrado no aluno, ou seja, o professor precisa aplicar o máximo esforço possível para colocar os alunos – só se trata deles – no centro das ações de ensino. Ele precisa motivá-los especialmente à aprendizagem de línguas (estrangeiras), agir linguisticamente, o que se descreve com o termo técnico alemão *Sprachhandeln*.

9 EM CONJUNTO É MAIS FÁCIL E MAIS AGRADÁVEL

Uma forma eficaz de evitar o ensino frontal é o ensino de grupos ou fases de aulas em grupo com os chamados trabalhos de grupo, que se podem estender

por várias unidades. Isso, no entanto, deve ser muito bem planejado e estruturado. De todo modo é preciso evitar trabalhos com as mesmas tarefas, porque os resultados dos grupos, obviamente, precisam ser apresentados, e repetições inevitáveis são apenas chatas e distraem os estudantes. Por isso entregamos (melhor por escrito) tarefas laborais diferentes para um número razoável de grupos de trabalho (vantajosas são três mesas duplas para um total de seis alunos). É importante para a formação de grupos constituí-los homogêneos. O professor organiza constelações em que estudantes talentosos podem beneficiar também alunos mais fracos.

Bem efetiva é a identificação com o grupo ao qual se dá um nome: os “crocodilos” e os “golfinhos” são, dessa forma, inconfundíveis, os integrantes aproximam-se mais, bem como a motivação aumenta. É extremamente importante que o professor regule e defina claramente a repartição de papéis (*rols*) dentro do grupo: um líder do grupo, um cronometrista, um gestor de crise e três (!) secretários que anotam, porque às vezes alguém poderá não participar tão ativamente.

Uma boa opção é também que aqueles grupos “principais”, por exemplo, A1, A2, A3, A4, A5, A6, se reúnam depois da tarefa mais uma vez em grupos de “experts”, segundo o esquema A1, B1, C1, D1, E1, F1, A2, B2, C2, D2, E2, F2, etc. Dessa forma exercem uma função cibernética, assim que o grupo “principal” relata os resultados de seu trabalho para o grupo de “experts”.

10 (E NÃO SÓ) O POLEGAR PARA CIMA

A grande desvantagem na realidade das salas de aula é, muitas vezes, uma falta de estratégia de elogio, ou seja, um *feedback* positivo ou reforços positivos como um simples “isto você fez/falou bem”. Isso é usado raramente. No Ensino Fundamental, utiliza-se muitas vezes premiar com botões, pequenos quadrinhos, estamparias, diários de aprendizagem, etc., mas, no Ensino Médio, muitas vezes esquecemos a oportunidade de motivar através de elogios e reforços positivos (*reinforcement*).

Nem todos os alunos assumem automaticamente a própria iniciativa em uma motivação intrínseca e

precisam urgentemente do impulso extrínseco. Portanto, como sempre na educação escolar ou em geral na filosofia da educação, vale o dito alemão: *Nicht nur fordern, sondern auch fördern* – não apenas “exigir”, mas também “promover”. Como falamos, através do elogio, mesmo que seja difícil por vezes...

11 “FALAR É OURO, SILÊNCIO É PRATA”?

Realizando centenas de visitas nas aulas de ensino de língua estrangeira, chamou-me atenção que a proporção do discurso de professores é alta demais e, muitas vezes, de pelo menos 95%. Mas a linguagem tem a ver com “falar” e não com “silenciar”. E são os alunos que precisam falar a língua-alvo, e não os professores que normalmente dominam a língua em estágio superior a de seus alunos.

Compreensivelmente, muitas vezes, especialmente os professores bastante jovens mostram certa incerteza no domínio da língua-alvo.

É claro que quase todos os professores de línguas estrangeiras dominam melhor sua língua nativa, um fato que os seduz a evitar o uso da língua-alvo na conversa em sala de aula.

Mas se os alunos em sala de aula não podem usar a língua estrangeira, o sistema já prevê oportunidades raras de como eles podem realizar pelo menos uma simples comunicação em uma língua estrangeira quando não lhes oferecemos essas oportunidades para adquirir aquelas habilidades?

Nas escolas públicas, o ensino de línguas estrangeiras é, na maioria das vezes, apenas metafórico e não merece a denominação. No Ensino Fundamental, por exemplo, a língua estrangeira “Inglês” geralmente tem apenas nas séries 6^a e 7^a, e também no Ensino Médio, de 3 anos, só um horário por semana durante 45 minutos. Como, então, grupos de até 40 alunos em uma classe num prazo máximo de cinco anos, com apenas um único horário de 45 minutos, aprendem uma língua estrangeira? Permanece um mistério... Às vezes, o ensino cai fora por meses, porque não tem um professor de Inglês, por exemplo.² Muitas vezes, vivenciei alunos, uma vez terminado o 10^o ano de escolaridade, que não fo-

² “Às vésperas de completar os dois primeiros meses do ano letivo na rede estadual de ensino, uma em cada três escolas de Porto Alegre está sem algum professor, [...] as 259 instituições de ensino estaduais e constatou que faltam 141 professores em salas de aula de 87 escolas da Capital. No caso dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental, 22 turmas estão fora da sala de aula.” Em: Faltam professores em uma a cada três escolas estaduais de Porto Alegre. Levantamento do Diário Gaúcho em parceria com a Rádio Gaúcha mostra a situação da rede de ensino (SCHULER, 2015).

ram capazes de formar uma frase muito simples numa língua estrangeira, nesse caso Inglês.³

EXCURSO:

A situação de formação escolar é desoladora em comparação com a de outros países com economias emergentes. Mesmo nas grandes cidades é completamente insuficiente, estando pior no norte, nordeste e no interior. Comove-me e não consigo resistir a essa breve constatação. Infelizmente, nem o Ministério da Educação tampouco a classe governamental do Brasil entendeu quais são as verdadeiras prioridades que devem ser estabelecidas para o desenvolvimento de seu povo. Ou seja, em vez de construir estádios de futebol de que ninguém precisa e isso com incríveis isenções fiscais, os representantes responsáveis do país deveriam investir melhor na educação e formação da juventude. Infelizmente, este país não vai passar por cima da imagem do Império Romano *panem et circenses* (“pão e circo”), seguindo o lema de que a principal coisa é que o povo tenha comida e diversão, a educação não é tão importante... Outros países de origem latina, como, por exemplo, Espanha e muitos outros países europeus, compreenderam há muito tempo que – nada contra as escolas privadas – uma formação e educação gratuita e de alta qualidade para todos têm a maior prioridade e que o governo precisa garantir e responsabilizar-se por isso⁴. Às vezes, no Brasil, surge a impressão de que a classe governamental não quer uma boa educação para o povo. Educação ética para a qual nem hoje existem recursos teria sido bem saudável para aqueles.

12 COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA

Estudantes com um bom domínio de uma língua estrangeira, de acordo com as condições sociais e financeiras predominantes, evidentemente não vão escolher a profissão docente.

O ideal, professores de língua estrangeira absolutamente bilíngues, é raro de encontrar, como a proverbial agulha num palheiro. E se há pessoas completamente bilíngues, elas, especialmente no Brasil, não procuram a profissão docente como trabalho de seus sonhos.

Para a realidade escolar, a perfeição linguística certamente não é necessária, mas, para liderar a conversação em classe exclusivamente na língua-alvo, é uma necessidade que não pode ser abandonada, sobretudo porque – na melhor das hipóteses – os alunos se aproveitam de um “banho linguístico”.

No entanto, um domínio linguístico limitado do professor apresenta o risco de que o conhecimento de língua estrangeira tende a diminuir em vez de se expandir. Muitas vezes, o vocabulário da língua estrangeira é reduzido para “peguem os cadernos, abram os livros, leiam a página 27”, etc. Se essa situação didática da língua estrangeira coincidir com a realidade, sobretudo nas aulas com fases iniciais, maior a necessidade de um aperfeiçoamento continuado, como eu já havia mencionado e solicitado acima. Iniciativas pessoais e privadas podem contribuir efetivamente para prevenir o declínio ou mesmo a paralisação da competência linguística. A internet, televisão, aplicativos de *smartphones*, etc. oferecem as mais diversas maneiras de manter a forma linguística. Existem cursos de língua e de extensão em todos os níveis de A1 a C2, por exemplo na Deutsche Welle, no Instituto Goethe e em muitas outras instituições.

É muito útil buscar uma e outra vez o contato com pessoas nativas ou usar a iniciativa *Tandem* – com um parceiro de comunicação no país de origem – através de e-mail, *Whatsapp* ou *Skype*; porque cada língua está se desenvolvendo rapidamente, e nós já não usamos a realidade linguística do Classicismo de Weimar e, por outro lado, Goethe ficaria ainda hoje completamente confuso se tivesse que entender o homem moderno.

13 “FALAR É PRATA, SILÊNCIO É OURO”!

Para reduzir a grande dimensão da fala do professor de língua estrangeira que mencionamos anteriormente, o professor deveria aplicar mais frequentemente os chamados “impulsos mudos”: somente sinais; e ele não precisa corrigir verbalmente a todo instante. O aluno está se sentindo até desanimado e desmotivado quando, a qualquer momento, é advertido por falar ou fazer (ainda) algo errado. Um puro aviso da linguagem corporal é suficiente. Apenas um exemplo: o professor in-

³ “Se não houver uma função clara, um objetivo claro, para a aprendizagem, não se pode justificar a manutenção de uma língua estrangeira no currículo das escolas públicas” (OLIVEIRA, 2009, p. 21).

⁴ “Todos os países que funcionam no mundo, todos, absolutamente todos, sem nenhuma exceção, estão baseados num sistema eficiente de escolas públicas... [a espinha dorsal de qualquer nação justa é a educação das crianças.]... É preciso haver um projeto de país, e esse projeto começa e termina nas crianças. O Brasil tem de ter um sistema, e esse sistema tem de funcionar sempre. Ponto” (COIMBRA, 2015).

forma os alunos previamente sobre certos gestos dele. Ele, já no início do ano letivo, informa-lhes que a sua mão esquerda é Masculino, a mão direita Feminino e o coração (*das Herz*) no meio, evidentemente, é Neutro. Agora, quando o aluno diz “*der Tasse*”, em seguida o professor precisa apenas estender o braço direito, e todos sabem instantaneamente: a direita é Feminino, por isso, deve ser “*die*” *Tasse*.

É claro que, para o uso de tais “impulsos mudos” através da pura linguagem corporal não ter limites, eles só precisam ser introduzidos em conjunto com a turma, cedo e inconfundivelmente, e assim se reduz, em seguida, de forma automática e inevitável, o volume da fala do professor e se oferece mais espaço para as necessárias ocasiões discursivas do aluno.

14 IMERSÃO NA LÍNGUA-ALVO

Já existe uma longa e importante tradição no ensino de línguas estrangeiras: o ensino bilíngue (BILI). Isso significa que outra matéria, como História ou Geografia, será ensinada na língua-alvo (RAMER, 2001). Especialmente nos estados do sul do Brasil, nas escolas com Alemão como língua estrangeira, há muitos professores que são capazes de dar aulas também de outras matérias na mesma língua estrangeira (mesmo que seja só Educação Física ou Arte). Isso denominamos na didática da língua alemã como DFU, *Deutschsprachiger Fachunterricht* (aula especializada de língua alemã). Esta será praticada com sucesso também em algumas escolas, como, por exemplo, na Escola Alemã Corcovado, no Rio de Janeiro. Tem sucesso porque nasce assim a motivação de aplicar uma língua estrangeira usando uma conexão que, dessa forma, permite aos alunos entenderem por que estão aprendendo uma língua estrangeira e como aplicá-la. É claro que o “BILI” não pode ser comparado com o ensino na língua materna e requer uma metodologia especial, para a qual agora existem muita literatura específica e fóruns de aperfeiçoamento.⁵

Abordagens do ensino bilíngue, mesmo em passos menores, são possíveis, especialmente de forma interdisciplinar ou multidisciplinar, resultando a garantia para o trabalho em equipe e a colaboração colegial. Por exemplo, em aulas de Geografia dos Estados Unidos ou Inglaterra, faz sentido que esses conteúdos sejam trata-

dos por professores de Inglês na língua inglesa. Claro que se pode aplicar aquele sistema também com as aulas de Geografia ou História Alemã, realizado na língua alemã e, naturalmente, o inverso é possível e desejável. A experiência mostra que os alunos gostam da educação bilíngue, aprendendo com grande interesse, intensa participação e muita alegria.

A situação ideal seria, naturalmente, a instalação de um ramo bilíngue, em que os alunos são ensinados em cada matéria (se for possível) na língua-alvo. A longa tradição de pesquisa, principalmente do Canadá, demonstra claramente que os alunos até aproximadamente o 7º ano, em termos de progresso de aprendizagem, têm um ritmo um pouco mais lento do que seus colegas, mas, em seguida, ultrapassam os companheiros monolíngues rápida e notavelmente. Para essa comprovação existem muitas evidências, observações e uma bibliografia detalhada (AL BALUSHY, 2015).

15 SE A MONTANHA NÃO VIER A MAOMÉ

Alguns países mudaram há muito tempo a forma de pensar, e outros copiaram o sistema abandonando o princípio da sala de aula. Também no meu colégio, alguns anos atrás, atribuímos uma sala para cada professor. Então os alunos vão de hora em hora para a “sala do professor”, pois esse não precisa arrumar após cada hora seu material e arrastar as mídias e dispositivos e correr para outra sala. A vantagem é que todas as “salas dos professores” estão equipadas com projetores (Beamer) e internet, e todas as comodidades, tais como notebook, CD Player, material didático, livros, etc., podem permanecer sempre prontos no lugar. Desse modo, é óbvio que a qualidade didática do ensino aumentou substancialmente. Além disso, verificou-se que, por um lado, os alunos chegam mais rapidamente à sala do professor que anteriormente o professor na sala dos alunos (!!). E, por outro lado, os alunos queimam mais calorias em suas andanças e assim proporcionam menos ocasiões para conflitos e vandalismos. Em qualquer caso, antes da mudança do sistema, os alunos também foram para as salas de matérias especializadas (Química, Física, Educação Física, Artes, etc.). Agora também os professores obtiveram uma “pátria” melhor para oferecer aos alunos: comprovadamente um ensino qualitativamente superior⁶.

⁵ Cf. Leisen (2003).

⁶ Uma descrição detalhada desse conceito bem-sucedido está disponível em: WALTHER-RATHENAU-GYMNASIUM UND REALSCHULE. **Lehrerzimmerkonzept**. Disponível em: <<http://www.walther-rathenau-sw.de/joomla2013/index.php/wir-ueberuns/lehrerzimmerkonzept>>. Acesso em: 18 maio 2015.

16 DE PESO, NÃO PESADO

Não só na aula de língua, mas em todas as disciplinas, mais cedo ou mais tarde, vai prevalecer a utilização do *tablet*, e eu tinha lutado muito contra todos os tipos de resistências e questões administrativas antes que as classes de *tablet* pudessem finalmente começar. Enquanto isso, a experiência escolar das classes de *tablet* já está no 2º ano de execução, com grande sucesso, e os estudantes estão participando com alegria e entusiasmo. Agora já existem suficientes aplicativos disponíveis e facilmente acessíveis que relegam o livro mais e mais para o segundo plano do material didático relevante. Além de que os alunos – fisicamente – todos os dias precisam arrastar muitos quilos de livros da casa para a escola e vice-versa, o ensino com o *tablet* (TE) tem especialmente uma vantagem muito grande e pedagogicamente de grande peso: o abandono do ensino unidimensional, em que todos os alunos constantemente têm que abrir a mesma página, sempre aprender o mesmo texto e, por exemplo, sempre as mesmas palavras, ao mesmo tempo ou no mesmo ritmo de tempo.

Mas a realidade dos perfis estudantis é completamente diferente: porque a capacidade de aprendizagem e compreensão, as experiências e estilos de aprendizagem, graças a Deus, não são iguais, mas muito individuais. Através do meio de instrução *tablet*, agora a metodologia multidimensional é possível e a qualidade pessoal de aprendizagem do aluno vai ser respeitada. As oportunidades individuais de aprendizagem, em vez de ir para a largura, agora podem ir para a profundidade de cada personagem, e o professor pode servir à individualidade que existe no núcleo de cada aluno. O ensino com o *tablet* também possibilita um *feedback* constante do aluno com o professor via e-mail ou outros meios de comunicação sociais. O TE, finalmente, também permite realizar tarefas individuais (na sala de aula ou em casa), e o uso pessoal do *tablet* em casa ou no ônibus escolar é possível.

Johanna Uhl faz o doutorado sobre essa inovadora prática educacional, didaticamente muito interessante e metodologicamente ilimitada, e está feliz para prestar informações sobre as suas experiências (uhl.johanna@web.de). Recomendamos o uso do *tablet* a partir de 12 anos de idade, porque requer certa maturidade e um comportamento responsável em lidar com

técnicas de mídia⁷. A aquisição dessa técnica não deve ser um problema, os bancos oferecem financiamento. Também através de publicidade, patrocínio ou do cartão de crédito do próprio banco será possível a compra pessoal do *tablet* que os jovens gostariam de ter de qualquer forma e usar também jogando com muita alegria.

17 COMENTÁRIO FINAL

Claro que há muitos temas que ainda não foram abordados aqui, como, por exemplo, o (em alemão) chamado *Ganztagesschule* (ensino holístico durante uma jornada completa), sistemas de tutores, programas de árbitros escolares, programas de apoio individual para alunos com deficiências, a inclusão, os intercâmbios internacionais de estudantes, o desenvolvimento da escola, sistemas de informação virtuais para os pais, etc., mas eu, pela relevância para o ISEI, concentrei-me brevemente sobretudo em algumas observações sobre questões da didática de línguas.

Também não foi a minha intenção mostrar caminhos de como se podem melhorar formas tradicionais de ensino que pouco servem. Queria considerar como podemos organizar o ensino de forma diferente, para que combine com as exigências de um mundo interconectado e globalizado, o que significa: melhor comunicação, atenção individual, mais autorresponsabilidade dos alunos e a capacitação para um diálogo a nível mundial.

Sabemos, desde que o homem perdeu o paraíso, e isso aconteceu há muito tempo, que nada mais é ideal. Assim mesmo é a realidade no sistema escolar. Isso a gente aprendeu através de nossa própria experiência escolar ou através de nossos filhos. Apesar de tudo, não devemos, pessimistamente, meter nossas cabeças na areia e lamentar por obstáculos, dificuldades administrativas, organizacionais ou políticas de nossa realidade de trabalho ou até mesmo capitular ante tudo isso.

Pelo contrário, apesar de toda a carga de trabalho e restrições sociais ou econômicas, tentamos tirar o máximo agrado de nossa profissão e encontrar a nossa luz do sol de novo e de novo, porque nós temos a grande sorte de tratar com o mais lindo e o melhor do mundo: nossos filhos, nossas crianças.

⁷ Mais informações estão disponíveis em: WALTHER-RATHENAU-GYMNASIUM UND REALSCHULE. **Tablet Klasse**. Disponível em: <<http://www.walther-rathenau-sw.de/joomla2013/index.php/besonderheiten/tablet-klasse/28-besonderheiten/252-tablet-klasse-erfahrungsberichte>>. Acesso em: 18 maio 2015.

REFERÊNCIAS

AL BALUSHY, Zainab. **Using mother tongue in the English language classroom**. Bibliography. Disponível em: <http://www.developingteachers.com/articles_tchtraining/mtongue16_zainab.htm>. Acesso em: 18 maio 2015.

COIMBRA, David. O melhor que foi feito foi o pior. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 abr. 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/04/david-coimbra-o-melhor-que-foi-feito-foi-o-pior-4739357.html>>. Acesso em: 18 maio 2015.

LEISEN, Josef. Der bilinguale Sachfachunterricht aus verschiedenen Perspektiven: Deutsch als Arbeitssprache, als Lernsprache, als Unterrichtssprache und als Sachfachsprache im Deutschsprachigen Fachunterricht (DFU). **Fremdsprache Deutsch**, v. 30, p. 7-14, 2004. Disponível em: <<http://www.josefleisen.de/uploads2/04%20Sprache%20im%20Fachunterricht%20-%20Bilingualer%20Fachunterricht/07%20Der%20bilinguale%20Fachunterricht%20aus%20verschiedenen%20Perspektiven%20-%20Fremdsprache%20Deutsch.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2015.

_____. (Org.). **Methoden-Handbuch Deutschsprachiger Fachunterricht (DFU)**. Bonn: Varus-Verlag, 2003. Disponível em: <http://www.deutsch-am-arbeitsplatz.de/methodenhandbuch_fachunterricht.html>. Acesso em: 18 maio 2015.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009. p. 21-30.

RAMER, Ulrich. **Handreichungen zur bilingualen Erziehung**. 2. Aufl. Porto Alegre: Edicione Sur, 2001. Disponível em: <http://www.ulrich-ramer.de/bilinguale_erziehung.pdf>. Acesso em: 18 maio 2015.

SCHULEN: Partner der Zukunft. **Deutsch als Fremdsprache: Deutschsprachiger Fachunterricht**. Disponível em: <<http://www.pasch-net.de/pas/cls/leh/med/daf/de3336850.htm>>. Acesso em: 18 maio 2015.

SCHULER, Roberta. Faltam professores em uma a cada três escolas estaduais de Porto Alegre. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 16 abr. 2015. Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2015/04/faltam-professores-em-uma-a-cada-tres-escolas-estaduais-de-porto-alegre-4741012.html>>. Acesso em: 18 maio 2015.

WALTHER - RATHENAU - GYMNASIUM UND REALSCHULE. **Lehrerzimmerkonzept**. Disponível em: <<http://www.walther-rathenau-sw.de/joomla2013/index.php/wir-ueber-uns/lehrerzimmerkonzept>>. Acesso em: 18 maio 2015.

_____. **Tablet Klasse**. Disponível em: <<http://www.walther-rathenau-sw.de/joomla2013/index.php/besonderheiten/tablet-klasse/28-besonderheiten/252-tabletklasse-erfahrungsberichte>>. Acesso em: 18 maio 2015.